



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
AUTORIZADO A CIRCULAR
EM INVOLÚCRO FECHADO
DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE ABRIRE-SE PARA
VERIFICAÇÃO POSTAL
DE04912011IGRC



Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

QUINZENÁRIO

Fundador: Padre Américo
Director: Padre João Rosa
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

2 de Julho de 2011 • Ano LXVIII • N.º 1756
Preço: € 0,33 (IVA incluído)

Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO
NIB: 0045 1342 40035524303 98 • IBAN: PT50 0045 1342 40035524303 98 • BIC/SWIFT: CCCMPTPL

Redacção, Administração, Oficinas Gráficas:
Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa

Tel. 255752285 • Fax 255753799 • E-mail: obradarua@iol.pt
Cont. 500788898 • Reg. D. G. C. S. 100398 • Depósito Legal 1239



MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria

O Décio era um menino triste, que andava nas ruas de Maputo a pedir esmola. No Natal a Irmã foi buscá-lo e a outros, para viverem aqueles dias connosco. Era o acolhimento concreto do Menino, que naquele tempo, não teve onde nascer em Belém. Veríamos mais tarde se queriam trocar a rua, pela nossa Casa. Depressa tornou-se um rapaz alegre, comunicativo e quando percebeu que nas festas da Casa, dos maiores aos mais pequenos, todos dançavam, quis apresentar a sua dança que não era mais que um sobe e desce ritmado dos músculos do ventre e fazia rir a todos. Hábito que trazia da rua, para atrair a curiosidade dos passantes. A sua habilidade não ficava aí. Segundo explicou, com gestos, fazia-se mudo e estendia a mão suplicante, fazendo a barriga dançar de modo tremente e vazia. Quando ganhava bem, comprava a roupa que mais precisava. O de cada dia era para comer e jogar com os colegas. À família nunca mais voltou, depois de descobrir que naquele modo de viver tinha o preciso. É isso. Muitas pessoas mantêm as crianças da rua, naquele lugar infeliz, donde saem, jovens ou adultos e ninguém mais os segura na vida. A rua prende e perverte. Ali conhecem a vida dupla de muita gente e toda a espécie de degradação moral. Ali se fazem homens, capazes de tudo, deixando de ser crianças em risco até porem os outros em risco.

Na hora decisiva de escolher, o Décio, bem vestido e bem calçado escolheu a rua. Já nos tínhamos acautelado, procurando saber quem tinha de família e onde morava. Fomos entregá-lo ao pai, para que assumisse o filho. Reconeheceu ser dele. Lá ficou, nada satisfeito. Soubemos, passado tempo, que o levou para Gaza, guardar os cabritos do avô.

E ele sem ter ido à escola, já com mais de dez anos. Quantos andam na rua e não vão à escola. Já tenho encontrado excepções: rapazes que passaram a vendedores de bugigangas para custear os estudos. Mas quantos se salvam a si mesmos? A esmola é a pior atitude que há, sobretudo porque quem dá pensa antes em si mesmo que nos outros e a mais não se sente obrigado, nem sequer a apoiar aqueles que dão a sua vida para que outros, como o Décio, tenham uma vida digna.

Sempre esperávamos que voltasse qualquer dia. Demorou quase meio ano e apareceu agora no mesmo estilo característico de menino de rua. Tinha fugido ao avô. Porém o Décio agora vem doente e tanto que não está fácil descobrir a doença ou as doenças. Está no Hospital Central em exames. Quantos temos levado aos Hospitais com problemas de saúde que entretanto estavam escondidos. Quantos têm vindo a Portugal procurar soluções de saúde que demoram anos a encontrar. Alguns nem podem voltar mais e não deixam de ter saudades da Casa e nós deles. Mas só aqui estão seguros de que o mal não voltará e periodicamente fazem revisões. Pergunto-me: a quantas crianças de Moçambique acontecerá o mesmo, se pela tradição até na cidade preferem os curandeiros, que levam caro, aos hospitais, onde não pagam nada? A maior pobreza de Moçambique é a ignorância. A falta de cuidados de saúde e a fome, são parceiras inseparáveis. Por isso o nosso combate é tão empenhado, mesmo atingindo pouca gente.

Agora aparece o pai do Décio a saber se tinha vindo para nossa Casa. Quisemos que fosse ver onde estava e o nosso carro foi levá-lo ao Hospital. Não chegou a entrar. Desapareceu. Pobre Décio. Oferecemos-te todo o nosso amor. Já sabemos que contas connosco. □

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

A necessidade de tratar do visto do passaporte, para estar na Ordenação presbiteral do nosso Quinzinho, de Malanje, ocupou o tempo em que deveria estar, com toda a serenidade, a escrever esta crónica.

Enquanto esperava ser atendido no Serviços competentes, a inquietação não me largava. Era o pensamento a fugir para Paço de Sousa, preocupado com a vida lá. Estar o dia todo fora, deixa-nos muito inquietos. Embora confiantes em quem lá ficou, a serenidade não se instala em nós.

Sentia a tensão arterial a subir.

Depois era necessário fazer o pagamento dos impressos, que embora fossem de baixo custo, era no entanto obrigatório fazê-lo com um cartão Multibanco, que eu não tinha. Estava a ver que se perdia tudo. Eis senão quando um jovem se ofereceu para fazer o pagamento, que depois lhe retribuí em moeda. Que alívio senti; pude voltar a sorrir.

Hoje estou decidido a falar de mim. Dezoito anos de presbítero, passados num ápice. Recuando esse mesmo tempo, lembro-me a preparar a Missa Nova aqui onde me encontro. Lembro também um padre amigo que me disse, por esses dias, não se lembrar sequer do seu dia de ordenação ocorrido há muitos anos! Ele que tem feito tanto bem, meu Deus! A mim, o que me ficou gravado, foi essa palavra que me disse. O resto são memórias pouco vincadas. De facto, o importante é o que se fez da vida, o que se fez do dom que se recebeu nesse dia. É disso que serei e seremos perguntados, quanto renderam os talentos, muitos ou poucos, que recebemos!

Quinzinho, o Senhor vai dar-te o Seu dom, como esperamos e desejamos. Olhar sempre em frente é o que Ele quer de nós. Dar, dar, dar... Dar de graça o que de graça recebemos...

Tantos outros novos presbíteros, por esses dias, irão receber também esse ministério, para servir a

Deus na Sua Igreja, ao serviço do Seu Povo. Tantos a receber o dom do amor de Deus para o fazer chegar aos Seus filhos. Tantos. A nossa Obra, que é d'Ele, que faz jorrar a sua vida para dar vida aos Pobres a partir do seio da Igreja, que por isso é mãe, há-de ter também novos trabalhadores para esta parte da seara do Senhor, que nós cuidamos como nossa obrigação e devoção.

Os que já o são há muitos anos enchem-nos de ânimo, no momento presente, por estarmos ao lado de trabalhadores da primeira hora e da primeira bem-aventurança! A carne não serve para nada, o espírito é que dá vida, como diz o Senhor. Vida autêntica. Quando o grão de trigo morre, hoje, amanhã, sempre, é vida que nasce e se multiplica pelos tempos fora. Grande é a dignidade de quem se dá. □

Da riqueza

A liturgia de hoje celebra a memória de S. Luís Gonzaga. As leituras desta Memória litúrgica, tomadas do Tempo Comum, apresentam-nos as figuras bíblicas de Abraão e de seu sobrinho Lot. Dois "irmãos" diametralmente opostos tanto no modo de encarar-se a si, como aos valores da vida tais como a riqueza. De sublinhar a atitude magnânima de Abraão face ao calculismo ambicioso de Lot. Vale a pena meditar o texto. Ambos eram ricos: «em prata e ouro... rebanhos, manadas e tendas...». Os seus bens, porém, eram "tão grandes que não podiam viver em comum", diz o texto sagrado. De facto, as contendas entre os pastores de ambos, eram frequentes. De forma eloquente, Abraão levantou-se e faz uma proposta interessante a Lot. Nela ele deseja simplesmente preservar o maior bem — a paz e harmonia: «não haja questões entre mim e ti nem entre os meus pastores e os teus, uma vez que somos irmãos...».

Aos olhos do mundo, ávido de posse e de poder, a proposta de Abraão não deixa de ser pueril e escandalosa. De facto, Abraão põe o coração de Lot inteiramente à vontade diante da fartura, dos bens, da riqueza: «Lot ergueu os olhos e viu que a planície do Jordão até Soar era toda irrigada... era como o jardim do Senhor, como a terra do Egipto — Lot escolheu toda a planície do Jordão e dirigiu-se para oriente...».

Continua na página 4

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

DAR FRUTOS — Numa época onde há muita gente a falar sobre muitas coisa em muitos sítios, incluindo nestas coisas da acção social, vale a pena lembrar o que nos diz o Evangelho do dia em que escrevemos esta crónica: *“Toda a árvore boa dá bons frutos e toda a árvore má dá maus frutos. A árvore boa não pode dar maus frutos nem a árvore má, dar bons frutos. Toda a árvore que não dá bons frutos é cortada e lançada ao fogo. Pelos frutos, pois, os conhecereis.”* (Mateus, 7, 15-20).

Em relação a esta passagem do Evangelho, vale a pena citar o comentário que sobre ela escreveu S. Vicente de Paulo.

“Amemos a Deus, irmãos, sim, mas à custa dos nossos braços e do suor do nosso rosto. Com efeito, os actos de amor a Deus, de bondade, de benevolência, e de outros afectos parecidos, e as práticas interiores do coração sensível são, embora bons e desejáveis, inúmeras vezes assaz suspeitos por não chegarem a ser prova dum amor real. É em relação a isso que devemos redobrar a nossa atenção, porque muitos há que, tendo o seu exterior bem cuidado e o seu interior cheio de nobres sentimentos de Deus, ficam por aí; frente aos factos ou chamados a agir perante as ocasiões, perdem o fôlego. Orgulham-se da sua imaginação fecunda, contentam-se com os doces diálogos que mantêm com Deus na oração e falam até deles como se fossem anjos; mas, saindo daí, quando se trata de trabalhar por Deus, de sofrer, de mortificar-se, de ensinar os indigentes, de ir à procura da ovelha perdida, de gostar que lhes falte alguma coisa, de aceitar a doença ou outra desgraça qualquer, pronto! Não fica ninguém, foge-lhes a coragem. Não, irmãos, não tenhamos ilusões: toda a nossa missão consiste em passar aos actos.”

Que Deus nos dê todos os dias esta capacidade para sabermos passar aos actos.

O nosso endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa. □

MALANJE

Padre Rafael

Ele chama-nos pelo nome...

QUANTAS pessoas se aproximam de nós e nos chamam por diferentes nomes. A maior parte das vezes, associado a profissões, estereótipos, preconceitos, idealizações, medos... e são poucas as pessoas que acertam. Contudo, há pessoas que nos chamam pelo nosso nome e nos fazem sentir como em casa de família. Nestes casos, são os laços afectivos que emanam do nosso interior. Há ainda aqueles que estão mais perto de Jesus, quando nos chamam, são aqueles que quando dizem o nosso nome só querem que sejamos nós mesmos, mesmo que não correspondam aos nossos ideais; são aqueles que querem a nossa felicidade e sentem-se livres para o expressar. Por isso, quando nos chamam, não podemos fazer outra coisa que não seja sair, pormo-nos a caminho, ao seu encontro.

Em nossa Casa, não costumamos chamar os rapazes pelos seus nomes. Entre outros motivos, porque, às vezes, nos chegam sem qualquer identificação. Assim, muitas vezes, o director da escola tem de colocar, como nome, o apelido e de sobrenome a palavra «Gaiato»: «Amendoim», Gaiato; «Rato», Gaiato...». Há situações muito pitorescas, como a que se passou com «Boy-langa» (que quer dizer algo, assim, como boi sem préstimo). Aconteceu que teve fortes dores de estômago e levámo-lo ao hospital, ele quase não podia falar. Quando a doutora (de nacionalidade cubana) perguntou o nome do rapaz, Quim não o sabia, mas, e muito naturalmente, lembrou-se dum escrito do Padre Telmo, n'O GAIATO, onde se dizia que se chamava Francisco. Seguidamente, a doutora quis saber o apelido do rapaz: «O seu nome é Francisco, e o apelido?» Quim tentou explicar-lhe e respondeu: «Em nossa Casa chamamo-lo de 'Boy-langa'». A doutora escreveu: «Francisco Boy-langa». Na manhã seguinte, a doutora aproxima-se do nosso rapaz e saúda-o: «Bom dia, Francisco Boy-langa». O nosso gaiato, com ares de poucos amigos, retorquiu: — O meu nome é Francisco Raimundo.

Por estes dias, fomos obrigados a despedir dois gaiatos. Estas situações são as mais dolorosas, porque nos sentimos um pouco fracassados em nossos esforços de «fazer de cada Rapaz um homem». O caso do «Careca»: acerca de dois anos que anda a dormir muitas vezes fora de Casa. Foram tantos os castigos que se lhe deram: tirar-lhe o colchão, a cama, mandá-lo embora temporariamente, colocá-lo na Carianga... tudo foi inútil. Foi ele mesmo que se comprometeu a sair de Casa, ao decidir dormir fora. E assim aconteceu. No caso do «Chino»: Demos-nos conta de que alguns dos nossos rapazes venderam algumas camisas que nos tinham dado. Advertimos nos Terço e ao jantar, que os responsáveis dessa acção se deviam dar a conhecer com risco, se o não fizessem, de terem de sair da nossa Casa. Depois de muita insistência, o «Cuco» acusou-se, mas o «Chinês» manteve-se em silêncio. Obviamente que um obteve perdão; o outro, não. Com o tempo, esperamos que ele se dê conta que reconhecer o erro e pedir perdão são virtudes que se vão conquistando no coração de um autêntico gaiato.

Também por estes dias, apressámo-nos a fazer contra-fogos de forma a proteger a nossa agricultura e as árvores, porque daqui a poucos dias Angola ver-se-á envolta em chamas e serão milhares e milhares de hectares que arderão. O motivo, segundo a tradição: comer carne e aquecer o céu para que as próximas chuvas não demorem. □

Pelas CASAS DO GAIATO

MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

AGROPECUÁRIA — A subida dos termómetros ajudou a secar a nossa palha de aveia, nos campos do olival dos poços, do Ti Jaime e do poço novo. Depois de ter sido cortada, foi enfardada a 17 de Junho, do que resultaram 486 fardos de palha, que foi vendida à Cooperativa, no campo, para diminuir as nossas despesas nesta produção. Ainda temos palha do ano agrícola anterior, no palheiro, para os nossos animais. A nossa horta foi lavrada, pois as ervas daninhas propagam-se muito. Nas árvores do pomar, como os pessegueiros e as macieiras, os frutos estão a amadurecer. Veremos...

Voltou-se a cortar a relva nos vários jardins. As nossas ovelhas têm de ser tosquizadas, devido ao calor.

ESCOLA DO 1.º CICLO — As aulas terminaram a 22 de Junho. Vários participaram, nesse dia, num Festival da Canção, do Agrupamento. Frequentaram, a nossa Escola do 1.º Ciclo da Casa do Gaiato, 14 Rapazes da nossa Casa. Alguns transitaram para o 2.º Ciclo. O acompanhamento, no estudo e noutras actividades, foi da responsabilidade dos Professores Destacados Alberto e Paulo. A festa do final de ano lectivo aconteceu a 17 de Junho, com a colaboração dos pais

dos alunos e alunas. As matrículas já foram efectuadas, sendo 15 Rapazes nossos do 1.º Ciclo, em 2011/2012. Ainda não sabemos se vai continuar nas nossas instalações.

LAR DO GAIATO DE COIMBRA — Os Rapazes que estiveram, durante a semana, no nosso Lar de Coimbra, à Travessa Padre Américo, no Cidral, e frequentam Escolas Secundárias, encontram-se a estagiar na região (em Cozinha, Restauração e Multimédia). Neste período de férias, os nossos Amigos queiram contactar para a nossa Casa, em Miranda do Corvo (Telef.: 239 532 125). □

PAÇO DE SOUSA



ESCOLA — Os alunos do 9.º ano realizaram exames Nacionais de Matemática e Português e mostraram-se satisfeitos com os resultados. Os do 11.º ano, fizeram o exame de Geologia-Geografia; o de Física-Química será na segunda fase, em Julho. Também fez exame de Português o aluno do 12.º ano. Os restantes rapazes terminaram o ano lectivo com resultados razoáveis. Há ainda cinco rapazes que estão em estágio.

POMAR — Um grupo de rapazes atarefou-se em recolher as nossas ameixas, que deram boas sobremsas.

CASA III — Terminaram as obras que, há tempo, se vinham realizando na casa III. Falta, porém, a remobilização do interior, a cargo da nossa carpintaria, que está a trabalhar a todo o vapor.

AGRICULTURA — Na nossa horta ressaltam os tomateiros e o

feijão verde, pela quantidade. Esperemos que a qualidade seja em igual proporção.

JARDINAGEM — O nosso Paulo «Mudo», responsável pelos nossos jardins, andou com um grupo de rapazes a limpá-los e alindá-los. A nossa Aldeia fica muito mais bonita com os nossos jardins limpos e floridos.

José Reis

DESPORTO — Não. Desta vez, não vale a pena tentar tapar o sol com a peneira. Recebemos os Juniores do F. C. Foz e perdemos por 0-2. É a segunda derrota em casa, que me fica atravessada. Perdemos, porque estivemos longe de estar bem: individualmente, colectivamente, fisicamente e... sem sentido de responsabilidade; com pouco discernimento e imensa falta de humildade. Mas aqui, há um que está fora disto tudo: Francisco. Parece que é uma tendência... falar no n.º 17, mas não! É o único que se alheia a tudo e a todos. Faz o seu

trabalho e o resto é paisagem. Até quando? Não sei. O que eu e toda a gente sabe, é que ele está no campo para jogar, e é o que ele faz.

Dizia o nosso Padre Carlos: «Deus nos livre da fome, mas também tenho muito medo da fatura». Ora, deve ser o que está a acontecer: *fatura!* Pois bem. A época está a chegar ao fim... Vamos ter que «dar a volta» e tentar inverter as situações para o bem-estar do Grupo Desportivo e dos seus intervenientes mais sensatos. Ai!, se no meu tempo, se fizesse o que se faz hoje! Só poder ir ao treino, já era motivo de grande satisfação. Tal como o «hábito faz o monge», a humildade, dignifica tudo e todos que, como é óbvio, queiram trabalhar sem olhar ao esforço que possa ter que se fazer. A grandeza, não é um bem adquirido, tem que se ganhar. A prova cabal disso mesmo, foi o último treino. Meu Deus! Para já, só temos futebol de onze e não qualquer outra modalidade...!

Como nem tudo é mau, não queremos terminar, sem registar este pequeno apontamento do nosso Carlos Pote, feito no nosso *facebook*, dias antes do jogo com o S. L. Benfica, no Seixal. Seja qual for o resultado, a primeira vitória, está aqui: *«Força equipa, embora longe, o meu apoio continua do vosso lado. Se há equipa que consegue vencer qualquer outra, essa equipa, são vocês, porque vocês têm o que muitas equipas não têm, e são o que eles não são.»*

Força meus irmãos. Esta vitória é em nome do Ricardo Sérgio. Primeiro, porque merece; e, segundo, porque faz anos. Um forte abraço.» Sem palavras!

Alberto («Resende»)

CORRESPONDÊNCIA DOS LEITORES

«Acabei de ler a notícia n'O GAIATO, no cantinho Da nossa vida, que me deixou muito triste por não poder ajudar a sarar feridas tão dolorosas que vão por esse mundo fora. Tenho pouco, mas já passei coisas bem parecidas, não por causa de filhos que não tenho, mas porque a minha vida era difícil, muito complicada e angustiada. Assim, e porque na nossa idade já não precisamos de comer dois pães, envio uma pequena ajuda para essa mãe dar de comer a seus filhos, em Acção de Graças por tudo o que

Deus faz por mim, e não pelo que eu faço por Deus, que não é nada.

Assinante 77154»

«O ano está perto do fim e é hora de liquidar as nossas dívidas. Assim, junto cheque para a minha assinatura d'O GAIATO. A sua leitura é sempre “um soco no estômago” que me tira o ar... O que sobrar, usem-nos “remendos” mais aflitivos ou urgentes — só tenho pena de não poder mandar mais! — pois, afinal, há gente que sente a “crise” ainda mais do que eu.

Por favor, rezem pelos meus entes queridos e que já partiram — encheram a minha vida de felicidade e de todos sinto a falta.

Assinante 32239»

«Chegou a altura de vir cumprir este dever... Quando leio o vosso Jornal, faço-o sempre de ponta a ponta e fico com a alma cheia do vosso carinho, amor, fraternidade, bondade, etc., que a todos dispensam e a que também me incluo.

Muito obrigada.

Assinante 12609»

BENGUELA

Padre Manuel António

Não é perdido o que é dado por Amor

FOI uma reunião de Família. Encontrámo-nos, na Casa do Gaiato de Paço de Sousa, no passado dia 7 de Junho. Chegou a hora da eleição do primeiro responsável da Obra da Rua. Por isso, os Padres das Casas do Gaiato e do Calvário juntaram-se para viver o momento muito importante da vida da Obra. O nosso Padre Acílio não pôde estar presente fisicamente, mas viveu, por certo, a grandeza do momento. O Padre Júlio assumiu a responsabilidade grande ligada a esta missão de Director da Obra da Rua, juntamente com a Casa do Gaiato de Paço de Sousa. Desde Setúbal, Miranda do Corvo, Calvário, Casa do Gaiato de Malanje e Casa do Gaiato de Benguela, em Angola, e Casa do Gaiato de Moçambique, foi dado um salto, assim creio, no caminho da unidade. É o alicerce firme e resistente a todas as investidas contrárias que são demolidoras.

Há uma imagem, entre outras, que sempre vem ao meu coração e à mente, quando tento explicar, em linguagem simples, a natureza da Obra da Rua. É uma árvore que Deus plantou no coração de Pai Américo. O terreno estava preparado pela vivência do Amor. Foi o adubo da fecundidade exuberante. Vários ramos foram brotando nesta árvore. Todos, porém, virados para a rua, com o signifi-

cado de área social da exclusão, do abandono, dos sem família, do vadio, etc. Assim, as Casas do Gaiato são o ramo que cobre e acolhe as crianças. O Calvário, coroa desta árvore, enche de carinho e amor o doente incurável. Naquele tempo, foi recebido um telefonema para ir buscar um doente canceroso, a viver abandonado, debaixo das escadas numa casa do Barredo, do tempo de Pai Américo. O pedido era acompanhado desta nota: «O doente vai durar pouco tempo, porque a doença está muito adiantada».

Foi para o Calvário. Não viveu poucos dias. Viveu muitos meses. Onde estava o remédio para o prolongamento da vida deste doente incurável? Em que farmácia? Estava no coração. O Amor, traduzido no carinho com que era tratado foi o único segredo da sua vida prolongada. O senhor Padre Baptista é este coração queimado pelo fogo do amor.

Os pequenos auxílios, traduzidos no Património dos Pobres, são outro ramo muito importante desta árvore que é a Obra da Rua. Cobre as famílias sem habitação, nem possibilidades materiais para uma casa com a dignidade mínima. Fazem tudo o que podem e a ajuda vai completar o trabalho. A caridade é eminentemente educativa. O verdadeiro amor não rouba o que cada um pode fazer

de bem. Ajuda, na verdade. Esta dinâmica é um factor de solidariedade entre os beneficiados.

O GAIATO é o ramo que tem um lugar insubstituível. A mensagem desta árvore que enche o coração dos que a recebem e tem a capacidade de os ajudar e transformar circula através deste ramo. É o testemunho que chega de todos os continentes, onde vivem os que são tocados. A imagem da árvore plantada no coração de Pai Américo gera um verdadeiro compromisso de todos nós para que tenha cada vez mais vida. No momento, em que escrevo estas Notas, na Casa do Gaiato de Paço de Sousa, meu coração e minha mente voam para Benguela, onde a multidão de crianças que enchem meus olhos esperam sempre a hora de serem cobertas pelo ramo da Casa do Gaiato. Acompanhai com o vosso amor este viveiro dum futuro melhor. Agradecemos todas as provas de carinho. As necessidades continuam muito vivas. Vamos bater a uma ou outra porta com possibilidades de ajudar. Quem dera o coração aberto! Ao chegar, recebi este recado: «Uma senhora amiga veio trazer mil euros para a compra do tractor». O óbulo da viúva foi tão louvado por Jesus! Quem dera cada um dê do que tem e pode! Não é perdido tudo o que é dado por Amor. □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

QUERIA começar este *Património* com uma carta que me chegou do centro norte do País, de alguém que vive a sua fé a sério e, há muito, faz comigo comunhão nas aflições dos pobres, escrevendo-me e repartindo os seus bens para aliviar os tormentos de tantos irmãos que me devoram.

Não sei como a guardei que não a encontro. Ficamos todos a olhar para uma luz que se acendeu e só me alumiu a mim. Mas há outras a brilhar no correio que me vai chegando, aparentemente talvez, com menos fulgor, que este só Deus o mede: — *Fiz em princípio de Junho oitenta anos. Os meus seis filhos resolveram festeja-los (...) comecei a pensar que já não preciso de nada, só me falta um pouco de saúde e que o dinheiro que iriam gastar na gasolina e no farnel já era muito. Pedi então que não me trouxessem nada, mas guardassem uns euritos para a sua obra. Todos concordaram e, hoje, tenho a alegria de lhe mandar este dinheiro: 350 euros.*

Da rua da montanha 400 euros a pedir anonimato. Lígia 50 euros. Maria Inês de Lisboa 200 euros, o João de Mira não falha mensalmente com 100, Maria Susana de Castelo Branco com 50 e Afonso de Coimbra com a mesma quantia.

Isabel pede que me preocupe com os pobres só 80% e 20% na recuperação da saúde. Deus fará por nós muito mais do que pensamos.

Maria Arlete de Lisboa que tem mandado para Miranda e Paço de Sousa voltou-se agora para os meus pobres com 200 euros. Duas irmãs, uma delas com Alzheimer, *uma gota de água*, 100 euros.

Lisboa continua a marcar presença com 500 euros da Maria Luísa, mais 40 da Avenida 5 de Outubro, mais Tiago duas vezes com mil. Júlia inclui um cartãozinho com 150 euros. Maria Helena de Cascais vem com 115. De Ponte de Vagos mais 200 euros, 100 da Lucinda e o mesmo da Maria Adelina de Coimbra e da Maria Teresa. Idem da assinante 75.608.

Do Porto, Dolores agradece a oração feita pelos seus queridos falecidos com 200+100.

A Maria Helena do Calhariz, Lx. 200 euros e mais que me escapou de mencionar mas que Deus conhece. □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Fome de Deus?

DE manhã cedo, o reboliço na casa-mãe ouve-se bem, pois os miúdos despertam quando o Sol entra nas vidraças. Os que levam a dianteira para a refeição comum são os pequenos!

Temos diante de nós uma dezena de mesas, em que as boquitas anseiam por malgas de leite e pão com manteiga. Não se trata de um banquete; todavia, a convivialidade é fulcral desde tenra idade, para se sentirem companheiros e irmãos.

Saber estar e comer à mesa é uma aprendizagem gradual, em que a correcção é necessária, não vá alguns largarem os talheres e usarem apenas as mãos. Um dos pequenitos, como o Divino, embora seja chefe de mesa, às vezes distrai-se e simplifica as coisas, empurrando a comida com as mãos. O João Madeira, frágil mas arguto, foi investido naquele cargo e tem três a seu cuidado: Amadú, Rúben Reis e N'anso. Isto de partir os alimentos com equidade e moderação tem que se lhe diga...

Acreditamos piamente que a descoberta do verdadeiro significado da vida vai acontecendo muito cedo. Não se estará, nalgumas situações, a infantilizar demasiado os mais novos, quando a experiência ensina que eles são capazes e gostam de ser úteis, precocemente?

Quando se cresce em altura e em conhecimentos, pensa-se por vezes que daí vem supremacia. A vitória da vida humana tem a ver com a dádiva por amor dos dons recebidos, na realização da pessoa e no desenvolvimento da comunidade. O horizonte pessoal engrandece quando ouvimos o Mestre e confiamos n'Ele como companheiro de viagem para as alturas. Moisés, que estava faminto de Deus, teve de subir ao monte para ser encontrado pelo Senhor que Se revelou como Amigo.

Como se poderá entrar na profundidade do Pão partido na Eucaristia, se não valorizarmos a fracção do pão que colocamos nos cestos para alimentar os nossos filhos ou não nos inquietarmos com a morte de cinco milhões de crianças por ano, devido à má nutrição?

Foi saboroso o apelo para celebrar o Memorial do Senhor num altar de pedra de uma Academia, pois entre os antigos alunos que procuraram a sabedoria, houve daqueles que se deixaram tocar mais pela Sabedoria! Nos percursos afectivos e no meio dos trabalhos, as provas e as partidas de vários, e a gratidão imbuíram-nos de amizades muito sentidas. Afinal, aquilo que procuraram no estudo e fora, estava com eles, tocava-os interiormente.

Fomos percebendo que o anseio profundo daqueles jovens maduros, entre centenas, era não só contribuir para desenvolver a nação, mas também matar a sua fome de Deus. Deixaram no pé de altar um sinal singelo de que a missão continua, em cada dia, nos seus cuidados, entregando as suas vidas, para que se viva em paz, à mesma mesa! Não será este o miolo da verdadeira religião?... □

DOUTRINA

Pai Américo



Tal fizeres qual acharás

DOIS irmãos pequeninos mendigavam nas ruas do Porto. A sua história é semelhante à de muitas outras crianças que se ocupam da mesma sorte. Eles são exércitos. Armas? São nossas. Nós é que lhas fornecemos!

Perto, mora uma família. O chefe é operário e a mãe cuida de quatro filhos que o casal tem. Quatro filhos menores. Ela vê hoje e amanhã as duas crianças a pedir. Vê-as sujas, tristes, famintas. Faz-lhes perguntas. *Sente* quanto sofrem. Prevê os perigos a que andam sujeitas. Em casa dirige-se ao marido:

- Deixa-mas trazer.
- Não temos lugar.
- Temos a Casa do Gaiato.
- Pois sim.

LOGO naquela noite comeram e dormiram à moda dos seres racionais. Pouco depois, foi dar a Paço de Sousa uma mulher ainda nova com duas crianças pela mão. Era ela; a mesma que antes *sentira* a desgraça dos dois inocentes. Sentiu e amou e mexeu-se. Tinha-as ali. É assim o amor. *Que não*, disse eu:

- Não temos lugar.
- Olhe que eu pedi o dinheiro para o comboio.

— **Pois torna a levar consigo os dois rapazes. Não temos lugar.**

A mulher senta-se ao pé de mim. Por falas suas, narra de como os pequeninos haviam sido enviados de Lisboa, por sua mãe, ao pai que reside no Porto. Não foi a distância que os separou; foi a carne... Oh! inimigo implacável e cruel! Narra de como o pai, sem meios de vida, entrega os filhos aos cuidados de uma mulher semelhante a ele; e diz dos maus tratos e tudo o mais que pertence à senhora Miséria. Conta coisas tal qual. Aonde sim, sim. Aonde não, não. Finalmente, sem dar fé do seu heroísmo, disse-me que os levava para a sua companhia:

- Mas eles são-lhe alguma coisa?
- Não senhor. Eles não me são nada!

Aqui fez uma pausa. Inclina a cabeça e acrescenta baixinho, como quem se envergonha de falar: «Eu também tenho filhinhos e deu-me pena».

EU tremi! Arrependi-me de tudo quanto lhe dissera e ali mesmo dei mostras da minha dor. As crianças ficaram. Venceu ela. Venceu pelo seu amor: «Eu

também tenho filhinhos». Tinha de vencer.

Andam os tempos. Um dia, no Porto, topo esta mãe à porta da nossa Casa. Convidei-a a entrar e ela assim fez. Nós ficámos amigos naquela ocasião; grandes amigos. A estes amigos devo eu tudo quanto tenho feito e dito. E na minha hora suprema, não-de ser ainda eles os meus verdadeiros amigos.

SENTOU-SE ao pé de mim. Falámos dos dois rapazes. Depois, fala ela de si. Enfraqueceu. Os médicos mandaram-na retirar dos seus afazeres. Vai para um sanatório...! «Ando a ver se deixo os meus filhos em boas mãos», disse. Nisto, faz uma pausa. Ela cansa-se até de falar. Um sorriso leve e misterioso inunda-lhe o rosto pálido. «Sabe?, já tenho tudo bem encaminhado.» Continuando, diz baixinho do êxito dos passos que dera e agora, com a eloquência dos pregadores, acrescenta mais baixinho ainda: «Eu também tirei da rua aqueles dois pequeninos».

AGORA sou eu que me inundo de alegria. Alegria interior. O Evangelho é sempre a Boa Nova ainda que seja pregado pela mulher de um picheleiro do Porto. Aquele *também* é a promessa: Tal fizeres qual acharás.

Do livro *Doutrina*. 2.º vol.

CALVÁRIO

Padre Baptista

O nosso Padre Carlos

NO começo daquele ano lectivo, fomos informados de que tínhamos um novo colega. Era um engenheiro que também desejava ser sacerdote. Logo que se nos apresentou, disse peremptoriamente que era o Carlos. E Carlos ficou para nós. Foi bom companheiro. Participava muito activamente nas visitas aos Pobres que rodeavam o Seminário e na Catequese das paróquias vizinhas.

Vinha já com a ideia de um dia ser Padre da Rua. Nas suas férias, acompanhava os Rapazes das Casas do Gaiato na praia e nas tarefas da Casa.

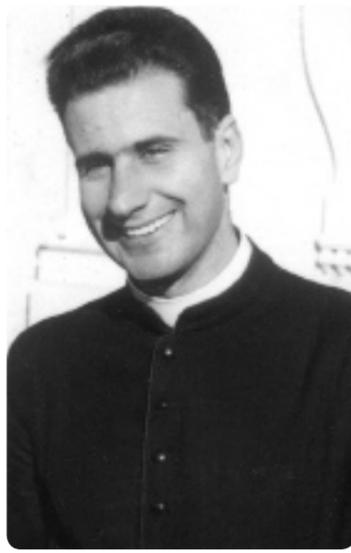
Chegámos ambos ao sacerdócio com a Obra da Rua na mente e no coração. Meses antes da nossa ordenação, Pai Américo subiu ao Coliseu do Porto e, aí, deu o anúncio:

«Queriamos que vissem os três que aqui estão. E mais um que Deus mandou para a Sua Vinha, este

ano. Um que deixou para trás a barca e as redes. E que barca e que redes! Nada menos do que a carta de Engenheiro Electrotécnico. Mas quando Deus chama, fica tudo para trás. Até a vida perdemos. Portanto, somos quatro. E outro vem aí. Será o quinto» — era eu.

Escassos dois anos depois, Pai Américo partiu para a Casa do Pai e Padre Carlos foi o seu sucessor na condução dos destinos da Obra. Foi um ano difícil para nós, os três que ficámos. Digo, sobretudo, que foi um ano de expectativa, pois dizia-se que, quando Pai Américo partisse, a Obra acabava. Mas no ano seguinte, vieram mais dois padres, José Maria e Manuel, logo seguidores do Padre Acílio. E assim a Obra desmentiu os rumores negativos.

Padre Carlos teve sempre um extremo cuidado de que a Obra fosse fiel ao pensamento



e acção do seu Fundador. Para ele, Pai Américo era um profeta que apontou caminhos novos na educação da juventude. Muitos foram os Rapazes que Padre Carlos formou e preparou para a vida com suas palavras, conselhos e grande amizade. Eles aí estão, hoje, na sociedade como homens dignos.

Quem dera que aparecesse já outro padre para o substituir. Talvez Deus ande em sua busca. Aguardamos serenos. □

SETÚBAL

Padre Acílio

HOUVE eleições nesta Casa. O ano passado, por falta de conhecimento mais próximo dos rapazes, indiquei como chefe pela experiência positiva na praia, um moço naturalmente líder.

Esperava eu, que àquela riqueza de personalidade, se juntassem, com a experiência, o amparo e a Palavra de Deus, outras qualidades essenciais ao desempenho do cargo, como a seriedade, a humildade e sobretudo a inimidade ao suborno.

Gostava-se de se gabar, na Escola, que era chefe, mas com os colegas optava por conquistar-lhes a simpatia, mais do que impor-lhes a autoridade, tão necessária a todos.

A pouco e pouco o nosso homem foi-se convencendo que já mandava e, à-vontade, ia-se passeando pela fraqueza dos rapazes sem se importar com a sua responsabilidade.

Os meus reparos afiguravam-se-lhe afrontas e, a pouco e pouco, foi-os desconsiderando.

Num ponto limite, recusou obedecer à minha ordem, perante a Comunidade inteira, quando estava em causa a correcção de falta grave de um adolescente, não reconhecida pelo mesmo.

Assim, automaticamente se demitia do cargo que lhe fora confiado, para servir os Rapazes.

O chefe, na definição evangélica de Pai Américo, é *aquele que serve*. A palavra chefe quer dizer cabeça; o chefe é o dirigente da Comunidade.

Caiu, sobre todos, um vazio que era urgente preencher.

Hélio sempre pronto, sem olhar a sacrifícios, apresentou-se para suprir o cargo até se arranjar solução plausível. E foi o que me valeu em hora tão amarga!

Reunidos os chefes, optou-se por chamar o faltoso a fazer-se-lhe sentir a gravidade da sua opção.

Não levantou os olhos, não ouviu. Ficou-se na sua. Um dos chefes, encarregado de lhe falar, esgotou toda a argumentação do bom senso, mas em vão.

A amargura instalou-se na reunião e a tristeza espalhava-se no rosto de cada chefe.

Os males da alma revelam-se, hoje, mais difíceis de curar que as doenças do corpo.

Se não vem a graça de Deus, nada feito.

Rezei. Pus tudo nas mãos do Senhor. Tenho a certeza que Ele me ouviu, mas não era a hora. Será?! Esse momento glorioso da contrição virá! Também, por aqui se exercita a virtude da paciência e da confiança!

Os chefes foram reflectindo, resolveram olhar para a Comunidade e, na próxima semana apresentariam, cada um, dois candidatos.

Oito dias depois, na reunião da parte da manhã, apresentaram uma lista, que chegou aos sete elegíveis, apesar de muitos coincidirem nos mesmos nomes.

Logo nesse dia, que era Domingo, à hora do almoço, se nomearam os escolhidos e se convocaram eleições para as sete da tarde.

Eleitores, são todos os Rapazes com mais de 14 anos, o quarto ano feito e um ano de Casa.

A magnífica sala de jantar, é o lugar propício aos grandes anúncios.

O Júlio, já universitário, mandou levantar os eleitores, e após um esclarecimento, contou-os.

Eram quarenta.

Eu falei na obrigação de todos participarem e de escolherem os mais sérios e mais capazes, e da necessidade de preencher a lacuna criada pela auto-demissão do chefe anterior.

Aos candidatos foi dada a liberdade de confirmarem ou indeferirem a sua escolha, o que poderiam fazer até à hora das eleições, mas, ninguém disse nada.

Na altura e sala marcada, os rapazes foram-se juntando. Faltou apenas um, que preferiu jogar a bola. Mais uma chamada de atenção para a seriedade e importância do acto, enquanto os nomes dos elegíveis eram inscritos no quadro grande, sobre o olhar atento de todos e em ordem admiravelmente consoladora.

O Jaime, Paizinho e Júlio, distribuíram esferográficas e boletins, os quais, depois de preenchidos, eram juntos em cima de uma mesa, e ali contados, à vista de todos.

Alguns nomes, foram eliminados, após o primeiro escrutínio e, como ninguém ganhou a maioria absoluta, só na terceira votação, se apuraram os vencedores.

Patrício, com 19 votos, era o maioral; e sub-chefe, o Vasco, com 15.

Tenho muita confiança nestes dois jovens!

Tanto um como o outro, revelaram, ao longo do ano, sério empenhamento na vida de estudantes e irrepreensível conduta na Comunidade.

Patrício é, fisicamente, um rapagão que erradia bondade e ternura, mas com alguma fragilidade na liderança. A vida também o vai ensinar. E, com força de vontade e mais rectidão de espírito, a capacidade de conduzir homens, vai-se adquirindo.

No próximo ano escolar, frequentará o 10.º ano do currículo normal.

O Vasco manifestou um interesse notável no estudo, e vai para o 2º ano da Escola Profissional num curso de energias renováveis. É um rapaz calmo, firme, com menos à-vontade que o Patrício, mas, por riqueza natural, melhor dirigente.

Ponho-os, com afecto e eleição, no Altar do Senhor, que lhes dará força e perseverança.

Não é fácil ser chefe na Casa do Gaiato. □

SINAIS

Padre Telmo

COMOVEU-ME a recordação amorosa que um condiscípulo do Padre Carlos, na Universidade, o Eng. F. Lopes dos Santos, manifesta num pequeno artigo no jornal *A Candeia*.

Ele nos diz:

«*O nascer de uma vocação*

Conheci o Carlos Galamba, futuro Padre Carlos, quando éramos alunos da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, nos finais da década de 1940. Ele era um finalista e eu andava no penúltimo ano de Engenharia Civil.

Num Domingo, de manhã, estando eu na Praça da Liberdade, da cidade do Porto, à espera do eléctrico, passou o Carlos Galamba que me perguntou onde ia passar o Domingo. Eu ia para uma Recolecção da Juventude Universitária Católica — JUC — e expliquei-lhe o que era uma recolecção porque ele

não conhecia a palavra. Mostrou vontade de me acompanhar e assim se fortaleceu uma amizade que durou toda a nossa vida.

Já Engenheiro Electrotécnico, o Carlos Galamba contou-me que, estando a passar as férias de Verão, em Lisboa, em casa de seus pais, visitou a Casa do Gaiato do Tojal, da Obra da Rua — Obra que ele já conhecia das visitas que juntos efectuámos à Casa do Gaiato de Paço de Sousa.

Encontrou o Padre Américo muito preocupado porque, por motivos de saúde, não podia acompanhar as crianças a uma colónia de férias, planeada para essa altura. O Carlos Galamba ofereceu-se para o substituir, oferta que o Padre Américo gostosamente aceitou. No fim da colónia, o Carlos Galamba decidiu que a engenharia não iria fazer parte da sua vida, pois decidira que Deus o chamava para a

Obra da Rua. O Padre Américo compreendeu a sua vocação e o Carlos Galamba ingressou no Seminário dos Olivais, onde recebeu Ordenação Sacerdotal em 1954.

Com a morte do Padre Américo, o já então Padre Galamba, ficaria à frente da Obra da Rua. Em 1956 veio, de Paço de Sousa ao Porto, baptizar o meu segundo filho e continuámos sempre amigos, apesar dos caminhos de vida distintos.»

Todos os anos ele participava, com os mais íntimos, num convívio. Não foi somente na nossa Obra que ele deixou um vazio. □

**Tiragem média
d'O GAIATO, por edição,
no mês de Junho,
47.300 exemplares**

PENSAMENTO

Sim; se entras numa igreja, na maré em que eu digo Missa, sabe que estou a servir o Pobre, no altar. Dediquei-me a eles, aos seus interesses, à sua causa. E se não ando como eles, descalço e arremendado, é por medo que me prendam, que vontade não falta. Sim; sirvo os Pobres nas cadeias, nos hospitais, nos tugúrios, nos caminhos — e no Altar.

PAI AMÉRICO

Da riqueza

Continuação da página 1

Embragado com a riqueza Lot dirige-se até às portas de Sodoma e Gomorra «armando as suas tendas» no meio dos perversos que pecavam gravemente contra o Senhor. Abraão, porém, é conduzido pela mão de Deus; pôde contemplar o norte e o sul, o oriente e o ocidente e, olhos nos olhos de Deus, pôde ante-ver «uma descendência tão numerosa como a poeira da terra». Diante desta Promessa, Abraão reza e «junto ao Carvalho de Mambé, em Hebron, construiu um altar ao Senhor».

Perspectivas de vida, também diametralmente opostas. Abraão é o homem da confiança; é em Deus e não na riqueza que ele assenta toda a sua vida, toda a sua força; Lot fica preso «ao seu umbigo», incensando o seu 'eu'; egocêntrico, apenas conta consigo, com os seus rebanhos, manadas e tendas». Abraão, pela porta estreita consegue ver a Luz na imensidão da planície...

Atitudes de ontem? Coisas do passado? Não! Alertas bem actuais, para mudanças que urgem; comportamentos que é preciso alterar — não vamos nós também como Lot e sua família ser apanhados de surpresa...

Voltemos à Oração de Colecta desta memória de S. Luís de Gonzaga: «concedei-nos por seus méritos e intercessão que o imitemos na penitência já que não o imitamos na inocência»

Padre João